

## Pesquisa exploratória da violência psicológica por meio da linguagem

*Psychological violence using language: an exploratory research*

Adelma Pimentel

*Universidade Federal do Pará, Brasil*  
adelmapi@ufpa.br

**Resumo:** A violência linguística e comunicativa é uma modalidade de violência psicológica. Qual(is) a(s) fronteira(s)/diferença(s) entre “brincar” e promover violência psicológica por meio da linguagem verbal? Quais palavras são usadas para agenciar desqualificação subjetiva do sujeito e quais os conteúdos violentos empregados para causar efeitos sociais que deterioram a vida familiar e pública? São questões de nosso interesse. Neste texto, o escopo foi examinar alguns nexos entre linguagem/comunicação e violência psicológica através de pesquisa qualitativa exploratória. Os informantes foram estudantes de psicologia de uma universidade pública entre 20 e 30 anos de ambos os sexos. Aplicamos um questionário contendo perguntas abertas da análise: a) conteúdos violentos e desqualificadores; b) pessoas que proferiram os conteúdos violentos. Para identificar os núcleos de sentido realizamos uma análise temática conforme a proposta de Minayo. As respostas foram reorganizadas em dois eixos, cotejados à literatura revisada, na medida das possibilidades hermenêuticas. Assim, a violência psicológica por meio da linguagem, foi sintetizada em: I) Conteúdos subjetivamente desqualificadores: dizem respeito ao informante, por exemplo: burro; indica imediatamente a violência psicológica; II) conteúdos socialmente violentos: referem-se ao contexto em que viviam e presenciavam nas conversas, na rua, no bairro, na universidade e na televisão, por exemplo: *estupro, racismo, assassinato, assalto, sequestro, tortura*; traduzem múltiplas formas de violência: a física, institucional, pública, moral, simbólica e a psicológica. Entre os resultados identificamos, todavia, que as principais formas

verbais que a violência assumiu foram as relacionadas à violência sexual. A família foi o principal agente ofensor no que se refere aos conteúdos subjetivamente desqualificadores.

**Palavras-chave:** Violência Linguística e Comunicativa, Pesquisa Qualitativa, Psicologia.

**Abstract:** The linguistic and communicative violence is a form of psychological violence. What is(are) the limit(s)/difference(s) between “making fun” and promoting psychological violence through verbal language? Which words are used to procuring subjective disqualification of the subject and which violent contents are used to cause social effects that undermine the family and public life? These are questions to be highlighted. The focus of this paper was to examine some connections between language/communication and psychological violence through an exploratory qualitative research. Informants were psychology students from a public university aging between 20 and 30 years of both sexes. A questionnaire containing open questions of the analysis was applied: a) disqualifying and violent contents; (b) people who uttered the violent contents. In order to identify the core meanings, a thematic analysis was conducted as proposed by Minayo. The answers were reorganized into two axes according to the reviewed literature to the extent of hermeneutic possibilities. Thus, psychological violence through language was synthesized in: (I) subjectively disqualifying contents: referring to the informant, "stupid", for example, immediately indicates psychological violence; (II) socially violent contents, refer to contexts in which the subjects lived and to contexts frequently witnessed in conversations on the streets, the neighborhood, the university and on television: rape, racism, murder, assault, kidnapping and torture, for example. These translate multiple forms of violence: physical, institutional, public, moral, symbolic and psychological. However, it was observed among the results that the main verb forms connected to violence were related to sexual violence. Family was the greatest focus of violence regarding subjectively disqualifying contents.

**Keywords:** Linguistic and Communicative Violence; Qualitative Research; Psychology.

## 1 Introdução

Em nossa perspectiva de estudos, a compreensão é o horizonte visado (NAPOLI, 2000; RICOEUR, 1975; HOLANDA, 2006; PENNA, 1982). E a pesquisa qualitativa em psicologia clínica ampliada, crítica e socialmente engajada<sup>1</sup>, é o processo de produzir conhecimento em que os delineamentos são fundamentados na desconstrução dos códigos explicativos e focalização da experiência consciente e intencional. A abordagem gestáltica e a gestalt-terapia são âncoras teóricas para dialogar com a realidade pesquisada<sup>2</sup>. Interrogar a linguagem verbal humana permite compreender nos discursos do cliente, da psicoterapeuta e dos sujeitos, alguns aspectos dos processos de subjetivação (PERLS, 1975, 1979; PERLS, HEFFERLINE & GOODMAN, 1997; HOLANDA, 2006; PIMENTEL, 2005, 2006).

A inquietação acerca da violência comunicativa e dos processos de subjetivação está relacionada à apreensão do aumento da prática da violência psicológica no contexto familiar e no público. A linguagem nomeia, qualifica ou desqualifica atores. Na cultura patriarcal, ela convém ao poder estatal, científico, religioso e ao masculino. Entretanto, é do mesmo modo, um princípio que está a serviço do respeito e da libertação, já que a dominação não é um processo que atinge sujeitos apáticos. Resistência e dominação constituem uma polaridade. “Além disso, invocar a dignidade como “um valor universal” não contém em si nenhuma pista sobre como praticar o respeito mútuo inclusivo. Existe um enorme abismo entre esperar agir bem em relação aos outros e agir bem de fato” (SENNETT, 2004 p.77-8).

Na cultura ocidental há intensa falação, falantes, fofoqueiros e verborragia; deste modo, o exame dos usos da linguagem de gênero não é uma filigrana estética, ou politicamente correta, mas uma intervenção que permite entender (e vivenciar o entendimento) que não é a “natureza” ou qualquer realidade física que determina a posição “inferior” das mulheres (em campos e papéis), mas uma diferença de “pensamento”, uma diferença significada estruturada no conteúdo semântico, valores e gêneros (NYE, 1995; DÉPÊCHE, 2010, 2012).

---

<sup>1</sup>Pimentel (2010, 2011). O conceito focaliza a dialética sujeito e sociedade, pois a individualização da subjetividade é resultado dos jogos de normalização e marcação da identidade moderna e contribui para pensar a consciência e planejar as intervenções clínicas para além do exame da interioridade.

<sup>2</sup>Pesquisamos as violências privadas: psicológica e sexual; sistemas e arranjos familiares; sexualidade; subjetividades e gêneros. O uso do significante privado não evoca a velha dicotomia público/privado, porém, ressalta a limitação do signo “doméstico” aplicado à violência que ocorre nas famílias. (Pimentel, 2011).

Ao dedicar-nos às questões da violência psicológica por meio da linguagem e da comunicação, no horizonte da psicologia clínica e suas interfaces, usamos suportes metodológicos fundamentados na atitude e na redução fenomenológica, na variação imaginária, na descrição e na interpretação (KEEN, 1979; HEIDEGGER, 1989; BUBER, 1977; RICOEUR, 1988).

As análises qualitativas caracterizam-se por serem sistemáticas, contínuas, mas não rígidas, e só terminam com a emergência de regularidades, ou seja, quando nenhuma nova informação emergir da análise de dados adicionais (LINCOLN & GUBA, 2000; SILVA; BOTELHO-GOMES & GOELLNER, 2008). São indutivas, ou seja, as categorias de análise não são impostas num momento precedente à sua recolha e análise, mas emergem dos próprios dados.

Qual(is) a(s) fronteira(s)/diferença(s) entre “brincar” e promover violência psicológica por meio da linguagem verbal? É a questão geral de nossas pesquisas. Quais palavras são usadas para agenciar desqualificação subjetiva do sujeito e quais os conteúdos violentos empregados para causar efeitos sociais que deterioram a vida familiar e pública? É a questão específica. Neste texto, o escopo particular foi examinar alguns nexos entre linguagem/comunicação e violência psicológica. Através de pesquisa qualitativa exploratória, elegemos universitários, mulheres e homens entre 20 e 30 anos para serem os informantes.

Em nosso banco de dados, as descobertas que fizemos são derivadas do trabalho clínico, educativo, leituras, observações e conversas informais. *A chacota; o tirar sarro da cara do outro; uma piadinha sobre qualquer tema; perder o amigo, mas não perder a pilhéria etc.*, são caricaturas que circulam no cotidiano e instrumentos de pressão dos possíveis efeitos subjetivos; enquanto que a circulação dos códigos: *assassinato, roubo, sequestro, estupro, racismo, homofobia, intolerância, banalização*, são temas recorrentes nos vários discursos indicativos dos efeitos sociais<sup>3</sup> do intenso medo de se relacionar e da consequente solidão que aproxima os sujeitos do adoecimento. Sobre as fronteiras/diferenças, identificamos algumas: a) o grau de satisfação do agente e do receptor da brincadeira; b) a unilateralidade do contentamento; c) a forma de promover a violência psicológica: por meio da desqualificação verbal com uso de palavras que desrespeitam ao outro ou por meio de sorrisos irônicos, olhares de crítica avaliativa etc. (PIMENTEL, 2011).

---

<sup>3</sup>Embora o recorte central do texto seja a análise dos efeitos subjetivos da violência psicológica, é indispensável à pesquisadora dialogar com a sociologia, a ciência política, antropologia e história para vincular as interpretações da saúde psíquica ao contexto e às políticas estatais.

A brincadeira “perversa” e a violência psicológica verbal podem gerar adoecimento psicológico, por exemplo, depressão, isolamento, pânico, sintomas paranoides, desconfiança que repercutem no autoconceito de quem as recebe, afinal, as palavras traduzem significações contidas na cultura.

Koekler, em pesquisa sobre a violência psicológica na relação professor-aluno, elencou alguns atos verbais codificados em três dimensões: a) poder, implicando atos de dar ordem, ameaças; b) humilhações, aludindo ridicularizar, chamar por palavrões; c) coisificação do outro.

A violência linguística é caracterizada como uma forma de violência psicológica,

Geralmente realizada através de uma ação de linguagem, palavrões e xingamentos, ironia, o enunciador ataca seu oponente. As palavras ou expressões são consideradas ofensivas em um dado contexto da cultura. Quanto à violência comunicativa, diz respeito ao uso da palavra ou da voz para agredir alguém como instrumento de violação humana, que estigmatiza grupos sociais, povos nações e que se manifesta também em atos concretos contra indivíduos. [www.periodicos.uniso.br/index.php/quaestio/article/viewFile/428/174](http://www.periodicos.uniso.br/index.php/quaestio/article/viewFile/428/174)

Esta asserção admite apresentar a complexidade do campo da linguagem, em que o autor propõe diferenciar *violência linguística de violência verbal e violência comunicativa*. Consideramos uma tentativa que requer mais reflexões, já que o uso de palavrões, xingamentos para atacar, não é uma diferença teórica expressiva para desdobrar duas categorias analíticas. Deste modo, para o diálogo com os dados empíricos desta pesquisa, optamos pelo uso exclusivo da expressão *violência psicológica por meio da linguagem comunicativa*, ponderando que ela contempla os desdobramentos que o articulista apontou. Pensamos que a palavra, o meio, a mensagem, a intencionalidade e as linguagens são vetores que integram a comunicação verbal e a possibilidade das práticas violentas.

Algumas construções verbais geram violência psicológica e o uso cotidiano da palavra desqualificadora interfere nos processos de subjetivação e na formação do eu. Por exemplo, no relatório de pesquisa de Martins, “A expressão de violência no idiomatismo brasileiro demonstra declarações tabuísticas, socialmente, chulas, grosseiras, ofensivas na maioria dos contextos. Palavrões referem-se ao metabolismo (cagar, mijar), aos órgãos e funções sexuais (caralho, pica, boceta, vulva, crica, pachoucho), e difemismos pesados: veado, cabrão, puta que pariu.” ([www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao/3/ar\\_13.pdf](http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao/3/ar_13.pdf)).

Quando um pai, uma mãe ou um(a) cuidador(a) chama ao filho ou a filha de *veado* ou *puta*, ou entre si mandam um ao outro *tomar no cu* produzem a retransmissão da violência comunicativa/verbal/linguística que, ao tornar-se constante, pode afetar o autoconceito dos sujeitos e reproduzir a circularidade da produção da violência psicológica privada.

## 2 Linguagem e Violência Psicológica

As palavras alteram significações conforme a temporalidade, a época, o contexto, o falante etc. Um vocábulo substantivo, quando adjetivado de determinada maneira e organizado em um enunciado, pode formar um texto e um contexto em que adquire potência e presumível efeito subjetivo violento. Por exemplo, ao associarmos a palavra *força*, que significa “saúde, energia física e moral para fazer alguma coisa” (FERREIRA, 1977 p.798), ao adjetivo *bruta*, criamos um período novo: **força bruta**, cujo sentido denota arbitrariedade e despotismo. Alguém que em casa se vale da força bruta intencionalmente proferida em palavras pratica violência psicológica privada<sup>4</sup>.

Entendemos subjetividade como um conjunto integrado de fatores ou dimensões intrinsecamente vinculados a um contexto sócio-histórico e cultural. E a violência psicológica como uma modalidade de violência privada. Os processos de subjetivação realizados pela família, escola, igreja, turma, se articulados em contextos e relações de violência, ampliam a necessidade de conhecer os processos intrincados entre subjetivação e cuidado familiar por meio da realização de pesquisas adicionais (GONZALEZ-REY, 2002; PIMENTEL, 2011).

A fundamentação do conceito de violência privada foi elaborada considerando-se: a) o contexto de expansão, inserção sócio-econômica e de participação pública e política das mulheres brancas, negras, amarelas e índias; a superação das ideias de domesticidade, de segredos familiares, de hierarquia entre gêneros; do reconhecimento das crianças concretas, meninos e meninas sem crivos opositores, da mulher, idosos e portadores de necessidades especiais em íntimo vínculo com o mundo público; b) a teoria da desconstrução, em que desconstruir é mostrar as várias possibilidades da significação (DERRIDA, 2001; GOULART, 2003).

Violência privada é a prática costumeira que ocorre nas casas, com ou sem testemunhas<sup>5</sup>, entre sujeitos consanguíneos e não consanguíneos, orientada pela imposição da autoridade visando à submissão, a manutenção de segredos e domínio da autonomia do outro (PIMENTEL, 2011). A família ou os arranjos familiares é/são a instituição na qual as práticas ocorrem. O processo de instalação da violência privada integra a desqualificação associada a punições (físicas ou não) com exigências absorvidas pelos sujeitos que a constituem.

Violência psicológica é uma forma de brutalidade que atinge o autoconceito, a autoimagem e a autoestima de alguém. É gerada em diversos contextos em que há desnutrição psicológica (PIMENTEL, 2005). Podem ser várias as consequências subjetivas da violência psicológica:

---

<sup>4</sup>E efeitos sociais públicos.

<sup>5</sup>A experiência vivida é a testemunha da violência psicológica cujas marcas transcendem a expressão física. A ela damos crédito, valor e confiança. Tal ação respeita, sobretudo, a voz negada às crianças, aos adolescentes e aos idosos.

1. Desnutrição psicológica, uma ação continuamente forjada na casa em que os membros da díade viveram a infância e cresceram; ou nas residências ou abrigo em que foram viver (pelo menos um dos componentes) devido às rupturas dos vínculos familiares ou no domicílio de parentes até alcançar o espaço de instalação da própria unidade conjugal.
2. Fome emocional, os deslocamentos emocionais, entre outros, para os campos da(s): alimentação, bebida, compras, comportamento sexual e violências. É um processo regulado pelas lacunas relacionais das trocas afetivas promovidas pelo descuido familiar dos pais ou do cuidador nos campos afetivo, educacional e social.
3. Retração do autoconceito, da autoimagem e da autoestima que constituem uma unidade ligada ao eu de cada sujeito e de cada alteridade. Em situações de vivência das violências psicológica uma ou até mesmo todas as dimensões podem ser afetadas.

Para a compreensão das repercussões subjetivas da violência psicológica comunicativa é oportuno uma leitura transversal e conjugada dos conceitos descritos. Acerca do autoconceito, Villa-Sánchez & Escribano (1999) descrevem quatro fatores que o integram: a) autonomia: elaborar o sentimento de independência e a confiança em si mesmo; desenvolver uma excelente relação familiar de afeto e cuidado; apreender o sentido da própria competência e da aparência física; constituir qualitativamente a autoestima; b) confiança: segurança derivada da vida em família; do meio ambiente; sentimentos; c) evolução física: aspecto; competências ou habilidades e inabilidades; d) mundo escolar e social: interesses; relação com outras crianças; solidão.

O estudo da violência linguística, praticada na família, requer reflexões sobre possíveis repercussões desta modalidade de violência psicológica, na autoimagem, autoestima e autoconceito. Alguns autores presentes na literatura psicológica são: Potreck-Rose & Jacob (2006), que, revisando a literatura sobre a autoimagem, afirmaram que Feldenkrais apontou quatro componentes que interferem em toda ação: movimento, sensação, sentimento e pensamento; deste modo, a autoimagem é dinâmica, vai mudando e modificando-se ao longo do tempo. William James mostrou que a autoimagem é a descrição que a pessoa faz de si mesma. Para Kanning, a autoimagem tem três desdobramentos: a) individual caracterizada pela existência singular e única; b) coletiva, que agrega as informações sobre a pertinência aos diferentes grupos sociais de que o indivíduo faz parte; c) potencial, a imagem que a pessoa tem de si no futuro. Acerca da autoestima, o autor considera que ela diz respeito ao afeto por si próprio, a noção de autovalor. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Autoestima>).

A violência psicológica não se limita ao âmbito da família, pois pode ocorrer na escola, no trabalho, na rua, na festa etc.; “A incerteza e a destruição de sonhos não estão previstas entre as formas institucionais de violência passam despercebidas [sic], sendo admitidas como situações naturais da vida” ([www.periodicos.uniso.br/index](http://www.periodicos.uniso.br/index)).

Sennett (2004), investigando a dinâmica da instalação do *respeito* nas relações sociais contemporâneas, sugeriu algumas configurações em que é constituído: a) autodesenvolvimento de capacidades e habilidades; b) cuidar de si mesmo; c) retribuir aos outros. Sobre o primeiro, o autor pondera que a capacidade para aprender é prioritária ao conhecimento acumulado. Tal premissa realça a orientação da lógica do mercado para o consumo e “pode levar facilmente a dissociação de outros seres humanos, bem como um afastamento de si mesmo” (p. 107). Por sua vez, o cuidado de si remete ao autorrespeito. Sennett (2004, p.110, citando Hanovver<sup>6</sup>, 1991, 3:91) diferencia o chamar atenção sobre si mesmo do cuidado. Amor de si é inerente à preservação e amor próprio é derivado da organização social, que “inclina cada indivíduo a ter uma estima maior por si mesmo do que qualquer outra pessoa”.

Quando há absorção subjetiva da pressão do mercado para o consumo<sup>7</sup> e esta assume a orientação da experiência consciente, os atos passam a ser de inveja, competição, desrespeito, ofensas, uso das capacidades para destruir o outro, comparação, sentir-se mal e não realização do bem, entendido como ausência de solidariedade. A compreensão da significação da ação da solidariedade pode ser mais clara se partirmos da identificação da etimologia da palavra, a qual vem do latim “solidare”, que significa “solidificar”, “confirmar”. A origem é a mesma do adjetivo “sólido”, significando “que tem consistência, que não é oco, que não se deixa destruir facilmente” (FERREIRA, 1977, p.1607).

Aplicando ao campo das relações humanas podemos entender a solidariedade como as práticas que possibilitam criar vínculos, desenvolver a comunhão de atitudes e sentimentos, e constituir sociedades capazes de reproduzir a vida, sobretudo no que diz respeito aos valores éticos.

A violência psicológica é tão preocupante que requer a abordagem da suposta “naturalização” que pode minar a autonomia, a iniciativa, a coragem, a segurança; instalar uma particular ou generalizada sensação de incompetência

---

<sup>6</sup>Com base em reflexões feitas por Rousseau em discurso sobre a origem da desigualdade.

<sup>7</sup>Um dos fatores que obscurece os processos de subjetivação.

pessoal; induzir a deslocamentos emocionais instalando transtornos alimentares ou outras formas de compulsão.

Uma “naturalização” forjada, na lógica democrática burguesa em que as diferenças e os conflitos são reconhecidos, porém, encarados como partes integrantes do fluxo civilizatório, cabendo ao Estado a arbitragem e a formulação de ações para equacionar distúrbios da ordem democrática. Na área da **linguagem**<sup>8</sup>, esse processo se deu pelos estudos e ações políticas que tenderam à caracterização da língua enquanto unidade sistêmica que se impõe aos falantes ora como fato social inevitável, ora como capacidade inata e específica da espécie humana. ([www.periodicos.uniso.br/index.php/quaestio/article/viewFile/428/174](http://www.periodicos.uniso.br/index.php/quaestio/article/viewFile/428/174)). Esta afirmativa é corroborada por Traverso-Yépez & Pinheiro (2005, p.155) que ponderam: "O processo de produção de sentidos se expressa cotidianamente nas interanimações dialógicas, nas diversas linguagens, verbais e não verbais utilizadas pelas pessoas".

### 3 Procedimentos Teórico-Metodológicos

A pesquisa qualitativa admite ao pesquisador imergir de maneira compreensiva no desvelamento das camadas que obscurecem a significação dos fenômenos estudados, estimula-o a apreender o sentido subjacente ao acontecimento, levando em conta a sua complexidade e particularidade, não objetivando alcançar a generalização, e sim o entendimento das singularidades, ou subjetivo e da comunalidade, ou do intersubjetivo. Implica entender/interpretar os sentidos e as significações e o processo pelo qual as pessoas estabelecem significados e descrevem o que são aqueles significados. (BOGDAN; BIKLEN apud PIMENTEL, et al., 2009a).

Esta pesquisa se fundamentou na avaliação qualitativa exploratória de enfoque descritivo interpretativo. O protocolo número 041049/2009 emitido pelo Comitê de Ética do Centro de Ciências da Saúde cobre a pesquisa. Os procedimentos utilizados foram: a) coleta de dados realizada em 2010 com cinco homens e 16 mulheres<sup>9</sup> entre 20 e 30 anos, alunos do sexto período do curso de Psicologia da Violência na Universidade Federal do Pará, sendo os informantes identificados por códigos (letra e número): os homens por H1, H2 etc.; e as mulheres por M1, M2 etc.; b) aplicação de um questionário

---

<sup>8</sup>Não grifado no original.

<sup>9</sup>Na UFPA, anualmente, entram 60 alunos no curso de Psicologia. Destes, 10 são homens e 50 mulheres.

contendo duas perguntas abertas abordando: I) relação de palavras que indicam conteúdos violentos e desqualificadores; II) pessoas que proferiram as palavras de conteúdos violentos. Para identificar os núcleos de sentido realizamos uma análise temática em que os conteúdos das questões foram interpretados conforme a proposta de Minayo (1994, 2001, 2008), as respostas foram reorganizadas em dois eixos cotejados à literatura revisada, na medida das possibilidades hermenêuticas. Assim, a violência psicológica por meio da linguagem, apontou: I) **Conteúdos subjetivamente desqualificadores**, dizem respeito ao informante, por exemplo: "burro" indica imediatamente a violência psicológica; II) **conteúdos socialmente violentos**, referem-se ao contexto em que viviam e presenciavam nas conversas, na rua, no bairro, na universidade e na televisão, por exemplo: "estupro", "racismo", "assassinato", "assalto", "sequestro", "tortura"; traduzem múltiplas formas de violência: a física, institucional, pública, moral, simbólica e a psicológica. Em distinta apresentação para homens e mulheres interpreto os sentidos e as aplicações dos vocábulos.

## 4 Resultados e Discussão

### Homens

#### Conteúdos subjetivamente desqualificadores

**H1:** Parasita, inútil, desocupado, incompetente, inadequado, irresponsável; desocupado.

**Agentes:** pai, irmão, ex-patroa, ex-sogra.

**H2:** Idiota, feio, gordo, preto, neguinho.

**Agentes:** vizinhos, amigos.

**H3:** Chato, estúpido, incapaz; desinteressante, incompetente.

**Agentes:** pais, pessoas mais velhas.

**H4:** Idiota, ignorante, animal, puto, vagabundo.

**Agentes:** família

**H5:** não respondeu

Pais, irmãos, sogra, integrantes da **família** consanguínea e escolhida são responsáveis, para estes informantes, pela desqualificação subjetiva ressaltando a *(in)competência*, cuja significação aponta a meritocracia como valor e medida da capacidade dos sujeitos (SENNETT, 2003). Os meninos podem tornar-se adolescentes "Idiotas", "inúteis", "desocupados", "ignorantes", "estúpidos" e "desinteressantes" transformando a baixa afetividade por si mesmo e pelo outro em violência de gênero, simbólica ou institucional.

### **Conteúdos socialmente violentos**

**H1:** não indicou

**H2:** pedreiro, pobre, “viado”.

**Agentes:** colegas de classe, tios, tias, avó, conhecidos.

**H3:** não indicou

**H4:** Bicha.

**Agentes:** amigos, professores da rede pública do ensino básico, motoristas de ônibus.

**H5:** estuprador, assassinato, gangues, briga, armas, intolerância; violência sexual, guerra civil.

**Agentes:** amigos, parentes, pessoas próximas.

Os homens apontaram indícios das formas de violência **sexual**, ilustrada pelo uso de vocábulos: "bicha", "viado", "estuprador", que denotam, respectivamente, preconceito quanto à vivência da sexualidade fora do modelo heteronormativo e apropriação não consentida do corpo de alguém; e **física**, lembrando uma desconfiança do poder público que, pela ausência do atendimento às necessidades de políticas sociais, instam a "intolerância", "briga", "uso de armas", "assassinato e guerra civil". "Amigos", "vizinhos", "conhecidos", "professores do ensino básico" e "motoristas de ônibus" são os agentes responsáveis pela transmissão da violência pública.

As repercussões sociais da violência evocam uma rígida hierarquia social com duas estruturas: ricos e pobres. A dominação se vale das tecnologias, do dinheiro, dos sistemas de segurança, do afastamento das pessoas e da impessoalidade para manter longínquo dos endinheirados o risco da violência, *Embora o sentimento de segurança não seja total (...), como resultado dessas arbitragens esses grupos sociais experimentam (...) o sentimento de estarem "protegidos"*. (MARTUCELLI, 1999, p.165-166).

### **Mulheres**

#### **Conteúdos desqualificadores**

**M1:** burra, puta, vagabunda, preta.

**Agentes:** policiais militares, bêbados.

**M2:** burra, vadia, idiota, filha da puta.

**Agentes:** conhecidos.

**M3:** incapaz, inútil, idiota, babaca, incompetente, ignorante, influenciável, ‘um nada’, verme, burra, irresponsável, prepotente, iludida, feia, ‘sanguessuga’.

**Agentes:** mãe, pai, principalmente irmã mais nova.

**M4:** imunda, burra, incapaz, feia, insuportável, desprezível, fraca, infeliz.

**Agentes:** conhecidos.

**M5:** irresponsável, egoísta, estúpida, babaca, idiota.

**Agentes:** mãe.

**M6:** magrela, “mulher”, egoísta, relaxada, mimadinha, atrasilda, mal-cuidada, mão de vaca, doida, desligada, irresponsável.

**Agentes:** mãe, namorado, amigos, colegas, desconhecidos.

**M7:** gorda, frígida, rameira, lesa, insensata, idiota.

**Agentes:** namorado, pai.

**M8:** inútil, vagabunda, mentirosa, carente quer chamar sempre atenção, fria, criança.

**Agentes:** amigos, conhecidos.

**M9:** burra, idiota, imbecil, ridícula, horrorosa, vagabunda, puta, vadia.

**Agentes:** tios, primas, amigos, vizinha.

**M10:** burra, idiota, incompetente, ignorante.

**Agentes:** pai, irmão.

**M11:** não indicou.

**M12:** inferior, incompetente, babaca, imbecil, sem vergonha, vagabunda.

**Agente:** vizinho.

**M13:** chata, fofqueira, enxerida, mal-amada, desgraçada, filha da puta, vaca, vadia, vagabunda, idiota, otária, frígida, nojenta, ridícula.

**Agentes:** tios, amigos, irmãos.

**M14:** incapaz, feia, gorda, burra.

**Agentes:** pai, irmão, tio.

**M15:** descontrolada, irresponsável, sem amor-próprio.

**Agentes:** prima, mãe, avó.

**M16:** palavras com sufixo “Zinho”: moralistazinho, mulherzinha, a meu ver tem o valor de diminuir o outro.

**Agentes:** avô.

A linguagem assinalada pelas informantes faculta ser aglutinada nas categorias: a) **Objeto**, ilustrada com os vocábulos "puta", "vagabunda", "vadia", "sem vergonha", "vaca", "frígida", "nojenta"; b) **Inferioridade cognitiva**, delineada pelos termos, "burra", "incapaz", "inútil", "idiota", "babaca", "incompetente", "ignorante", "influenciável", "um nada"; c) **Beleza**, "feia", "gorda".

O desconhecimento do outro enquanto alteridade, o preconceito, e o julgamento são algumas razões que as informantes elencam para que os agentes familiares: pai, irmãos, tio, avô façam uso desta linguagem.

**Conteúdos socialmente violentos**

**M1:** abuso sexual, espancamento.

**Agentes:** policiais militares.

**M2:** estupro, racismo, assassinato, assalto, sequestro, tortura.

**Agentes:** conhecidos.

**M3:** briga, desrespeito, humilhação, opressão, repressão.

**Agentes:** mãe, pai, principalmente irmã mais nova.

**M4:** agressão, ferir, arma, sangue, bicha, imoral, depravado, vagabundo.

**Agentes:** pessoas simples de pouca instrução.

**M5:** não indicou.

**M6:** não indicou.

**M7:** machismo, relação sexual forçada, arranhão, empurrão.

**Agentes:** vizinha.

**M8:** negro sujo, negro é sempre ladrão, não presta pra nada, viado.

**Agentes:** conhecidos.

**M9:** não indicou.

**M10:** desumano, matar.

**Agentes:** pai, irmão.

**M11:** bater, surrar, esfolar, espancar, esturpar, proibir, abusar, burlar, sacanear, xingar.

**Agentes:** sobrinha, amigos, namorado, patrão.

**M12:** não indicou.

**M13:** monstro, caralho, merda, pervertida.

**Agentes:** tios, amigos, irmãos.

**M14:** matar, submissão, domínio, controlar.

**Agentes:** pai, irmão, tio.

**M15:** não indicou.

**M16:** não indicou. *autocontrole*

Os homens e as mulheres que participaram da pesquisa demonstraram que vivenciam pressões ligadas à socialização e sociabilidade de gênero, ou seja, transportam subjetivamente diferentes substantivos e adjetivos respectivamente; ainda, as mulheres foram os sujeitos que mais auferiram prejuízos emocionais, sociais, financeiros nos planos simbólico (palavras) e concreto (coisas) no que diz respeito à violência comunicativa. Para ilustrar, destaco que elas estiveram representadas como "burras", "incapazes", "inferiores", "incompetentes", "objetos", evidenciando, também, vivenciarem um imenso descaso social com as questões de gênero, classe e etnia.

## 5 Considerações Finais

Embora a violência seja uma prática histórica, hoje as guerras civis e familiares são mais comentadas devido aos meios de transmissão da informação que se valem das tecnologias microeletroeletrônica. Assim, sabemos e vemos o que acontece, em tempo real, em qualquer cidade do mundo: da briga entre casais à queda do presidente ditador do Egito.

Na lógica interna da violência praticada por sujeitos está a irracionalidade, pensamentos desprovidos de autocrítica, de crítica social, de compreensão<sup>10</sup> de campo, de consciência da existência do outro e/ou de si mesmo. O ressentimento e o desejo de vingança tornam-se o principal<sup>11</sup> móvel da ação contra o outro, seja de violência física ou psicológica. Na lógica da violência pública, a conjuntura social encontra-se marcada por várias tensões desde as transformações do sistema econômico na passagem do século XIX para o século XX. Assim, as figuras de autoridade perderam o papel de identificação: o estado, o pai, a mãe. Com o enfraquecimento das referências dos modelos de autoridade, os valores são orientados pela superficialidade, pela opinião, pelo marketing, pela estética, pela tecnologia da micro-eleto-eletrônica e cada vez mais pelo enclausuramento do sujeito. Para remates de considerações finais elas foram vinculadas a uma hermenêutica de aspectos de premissas sobre educação e da ação do estado.

Refiro-me ao processo amplo da educação que é responsabilidade de todos. Para subsidiar a leitura ontológica, recorri a Morin (2000, p.55) que a concebe como fenômeno complexo que não pode *ser compreendid[o] dissociad[o] dos elementos que [o] constituem: (...) conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana*. E, para pensar a relação ensino-aprendizagem, a Freire (2001, p.265) que considera a linguagem simples e a culta duas maneiras críticas *de compreender e de realizar a leitura do texto e a do contexto*.

---

<sup>10</sup>Compreender é uma das ações mais difíceis. Exige abertura para o outro, disponibilidade para escutar, pensamento concentrado no que ouve sem elaborar concomitante uma resposta. Domínio de mesmo código linguístico, o que inclui atualizar-se acerca das variações na expressão dos atores sociais, significantes e significados. E por fim, não realizar hermenêuticas precipitadas, porém, abrir espaço para o diálogo comunicativo.

<sup>11</sup>Embora nosso foco de pesquisas seja a violência privada praticada nos arranjos familiares, considero que na violência que ocorre no horizonte público/institucional a inveja, o ressentimento e a “necessidade” de possuir bens forjada pelo marketing publicitário podem induzir atos violentos encobertos pela multidão.

Ora, nesta pesquisa os sujeitos aprenderam em casa, na rua e na escola os códigos linguísticos e as significações que provocaram alguns danos emocionais na subjetividade, conseqüentemente afetaram as relações intersubjetivas. Por exemplo, os homens sentiram-se *desrespeitados, agredidos, rotulados*; e as mulheres, igualmente perceberam-se desrespeitadas, ridicularizadas, expostas ao preconceito, ao machismo e desconhecidas enquanto alteridade. No dizer de Casagrande e Peruzzolo (2012, p.247) a linguagem, sobretudo, a utilizada pela mídia é capaz de interferir na construção de realidades sociais e na estruturação e reestruturação de percepções e cognições.

E para Dépêche (2010, p.6),

A linguagem reflete o meio social, hùmus onde ela nasce, mas também, cria sentidos que modelam os corpos segundo uma diferença instituída politicamente... Conseqüentemente, numa sociedade regida pelo sistema patriarcal eminentemente polarizado masculino/feminino, a linguagem se coloca a serviço da ideologia ambiente, fazendo apologia da força para impor o poder de um sobre o outro.

Deste ponto de vista, para corroborar a afirmativa da asserção, identificamos os agentes que proferiram as palavras ofensivas: *pai, tios, avô, policiais militares, namorado, amigos, irmão, mãe*. Considero também que, a sociabilidade e as relações intersubjetivas dos informantes repercutem as injunções do estado, que não mais desempenha sua função regulatória, pois está imerso em cotidianos escândalos que demonstram a capilaridade com a qual a corrupção se instalou nas estruturas e instituições que o integram. De que modo? Deixando lacunas nas políticas públicas de educação e trabalho que permitam as famílias cumprirem as funções de suporte emocional para os filhos e filhas.

A sociedade civil, especialmente as famílias reconfiguradas, são oprimidas pelo não atendimento as suas necessidades básicas, o que as impede, muitas vezes, de praticar a exigência do reconhecimento dos direitos fundamentais, sociais e políticos, bem como de condições materiais para realização da dignidade existencial; enfim, muitos de nós transitamos entre o sentimento de impotência, menos valia psicológica e da cultura da superação da miséria, a espera da “generosidade”, “doações”, cotas, bolsas (trabalho, escola etc).

Uma possível explicação para estruturação deste modo de identificação sociocultural e intersubjetiva é ancorada na reflexão sobre cultura elaborada em Chaui (2008, p 70): “A sociedade brasileira conheceu a cidadania através do senhor de escravos. As diferenças e assimetrias são transformadas em

relação de mando e obediência. As relações sociais e pessoais são concessão e favor. Isso faz a violência ser a regra da vida social”.

Os arranjos familiares e/ou a família nuclear praticam e vivenciam a violência psicológica por meio das palavras que passam a ser uma arma usada em substituição à violência física. A humilhação, o jugo, a subtração da vontade do outro através do grito, da ordem, da submissão, do mandar calar-se, o impedimento da expressão verbal das idéias contrárias a do pai-“chefe” e ou da mãe/senhora, a exigência da concordância plena e do pronome de tratamento ao final de cada frase “Sim, Senhor, Sim, Senhora”, são algumas formas de conteúdos violentos e socialmente desqualificadores.

Pareceu-me que uma diferença de gênero dos indicadores verbais apontados pelos dados no que se refere à violência psicológica para os **homens** foi o uso do adjetivo **inútil** que assinala a competência relacionada ao trabalho e à capacidade provedora; enquanto que, para as **mulheres**, os adjetivos distinguem uma comparação com o masculino – as informantes são **inferiores**. Tanto os conteúdos desqualificadores quanto os conteúdos socialmente violentos se valem de palavras ofensivas para instituir a violência psicológica e contribuem para desumanizar a vida em família e a coletiva.

A todo o momento, escutamos e proferimos a frase jargão: atualmente “há uma inversão de valores éticos”. Para superar tal repetição, é possível ressaltar que as pesquisas interdisciplinares produzidas pela Psicologia Clínica gestáltica, crítica e engajada socialmente, Antropologia e Ciências Sociais podem contribuir para responder a questão: Quais costumes e valores são importantes para a vida em comunidade? Na escola, o aporte de Gonçalves (1999) continua sendo contemporâneo já que é pautado na teoria da ação comunicativa de Habermas. A pesquisadora sugere que professores e alunos desenvolvam um projeto de cunho interdisciplinar visando ao acordo mútuo e práticas alicerçadas no princípio da não dominação.

Embora transcenda o âmbito de problematização deste texto, salientamos que a dominação e a violência institucional praticadas pelos agentes do estado e na família não são lineares. Consideramos que a vivência do **poder** é ação pessoal e relacional; portanto, haverá sempre uma gradação de resistência ante a opressão aplicada pelos agentes em qualquer forma de violência.

Bucher-Maluschke (2004, p.163), em um estudo acerca dos desafios para a família de hoje, distinguiu dois tipos de contextos nos quais se desenvolvem as violências: “o familiar e o social, sendo que há um profundo entrelaçamento entre ambos... o surgimento da violência está associado à ruptura dos vínculos afetivos”. A ponderação da autora converge com as descobertas desta pesquisa qualitativa exploratória sobre violência psicológica comunicativa em que identifiquei conteúdos desqualificadores, que dizem respeito ao informante, e

conteúdos violentos que se referem ao contexto em que viviam, isto é, os pais, irmãos, sogra, a mãe, os tios, os vizinhos, os amigos, os conhecidos constituem a rede relacional e são também os agentes da opressão psicológica.

Erich Fromm, desde a década de 1960, analisava que o homem era definido como *homo sapiens* por usar o raciocínio; *homo ludens* pelo lúdico; *homo negans* pela disposição de dizer não; *homo sperans* pela possibilidade em sentir-se esperançoso. Questionava-se, ainda, o sentido da existência e da esperança. A significação de esperança que apontava era “estar pronto a todo momento para aquilo que ainda não nasceu e, todavia não se desesperar se não ocorrer nascimento algum durante nossa existência”. (FROMM, 1964, p. 22). Fazia a distinção de espera passiva, aquela em que o sujeito atenta unicamente à burocracia, ao tempo futuro, sem coragem para agir. “A espera passiva é uma forma disfarçada de desesperança e impotência” (op.cit, p.22).

Em contextos familiares de violência linguística – o que esperamos uns dos outros? Penso que transcender o descaso, o uso, a manipulação, o fornecimento do suprimento às necessidades básicas; vivenciar amor, amizade, compaixão e transmiti-los. Cinquenta anos depois, a pergunta e resposta de Fromm permanecem grávidas de originalidade e inspiração para projetos de intervenção para o enfrentamento da violência psicológica praticada pelas famílias.

## Referências

- BUBER, M. 1977. *Eu e Tu*. São Paulo: Cortez.
- CASAGRANDE & PERUZZOLO, 2012. O fenômeno da violência e sua relação com meios de comunicação, comunicação humana e estado. *Revista LEVS/UNESP* - Marília - pp 237-255, edição 10. dezembro.
- CHAUI, Marilena. Cultura e democracia. En: *Crítica y emancipación*: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales. Año 1, no. 1 jun. 2008. Buenos Aires: CLACSO, 2008-. -- ISSN 1999-8104. Disponible en: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>, acedido em janeiro de 2011.
- DÉPÊCHE, Marie-France. 2010. *As reações hiperbólicas da violência da linguagem patriarcal e o corpo feminino*. Disponível em <http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys12/livre/france.htm>. acedido em 09/10/2010.
- DERRIDA, J. 2002. *A Escritura e a Diferença*. SP: Perspectiva.
- DERRIDA, J. *Gramatologia*. 2006. SP: Perspectiva.
- FERREIRA, Aurélio B. H. 1977. *Novo dicionário da língua portuguesa*. RJ: Nova Fronteira.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores . Estudos Avançados, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 259-268, ago. 2001. ISSN 1806-9592. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9805/11377>>. Acesso em: 13 fev. 2013. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142001000200013>.

FROMM, E. 1964. *A Revolução da Esperança*. SP. Circulo do Livro.

GONZÁLEZ REY, F. L. 2002. La subjetividad: su significación para la ciencia psicológica. In: FURTADO, O; GONZÁLEZ REY, F. L. (orgs.). *Por uma epistemologia da subjetividade: um debate entre a teoria sócio histórica e a teoria das representações sociais*. São Paulo: Casa do psicólogo.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. 1999. Teoria da ação comunicativa de Habermas: Possibilidades de uma ação educativa de cunho interdisciplinar na escola. *Educação e Sociedade*, Ano XX, nº 66, abril.

GOULART, Audemaro Taranto. 2003. *Notas sobre o desconstrucionismo de Jacques Derrida*. Dissertação de Mestrado elaborada pelo Programa de pós-graduação em Letras Literatura e Língua Portuguesa da PUCMINAS.

HOLANDA, Adriano. 2006. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 3 (XXIV): 363-372.

HEIDEGGER, Martin. 1989. *El Ser y el Tiempo*, 7ª ed., (Trad. de J. Gaos), México/Madrid/Buenos Aires, F. Cultura Economica.

LINCOLN, Y.; GUBA, E. 2000. Paradigmatic controversies, contradictions, and emerging confluences. In: DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. (Eds.). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage. p.163-88.

KEEN, Ernest. 1979. *Introdução à Psicologia Fenomenológica*. BH: Interlivros.

MALUSCHKE, G; BUCHER- MALUSCHKE, J; HERMANNNS, K. 2004. *Direitos Humanos e violência: desafios da ciência e da prática*. Fortaleza: Fundação Konrad-Adenauer.

MANDELBAUM, Belinda. [http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais XVENABRAPSO/85.%20linha%20de%20passe%20%20sobre%20falta%20de%20pai,%20viol%C3%Aancia%20e%20linguagem.pdf](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais%20XVENABRAPSO/85.%20linha%20de%20passe%20%20sobre%20falta%20de%20pai,%20viol%C3%Aancia%20e%20linguagem.pdf).

MARTINS, Vicente. *A expressão de violência no idiomatismo brasileiro*. Disponível em [www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao/3/ar\\_13.pdf](http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao/3/ar_13.pdf). Acessado em 15/09/2009

MORIN, Edgar. 2002. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Sao Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO.

NAPOLI, Ricardo Bins de. 2000. A hermenêutica de W. Dilthey. In: *Filosofia Hermeneutica*. Róbson Ramos dos Reis & Ronai Pires da Rocha (orgs). Santa Maria: Ed da UFSM,

NYE, A. *Teoria Feminista e as filosofias do homem*. 1995. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos.

MINAYO, M. C. S. 1994. (org). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ, Vozes.

MINAYO, M. C. S. 2001. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Editora Vozes.

MINAYO, M. C. S. 2008. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11. Ed. São Paulo: Hucitec.

PENNA, Antonio Gomes. 1982. *Introdução à História da Psicologia Contemporânea*. RJ. Zahar.

PERLS, F. S. *Yo, hambre y agresión: los comienzos de la terapia gestaltista*. México: Fondo de Cultura Económica. (Ángel S. S. trad.), 1975.

PERLS, F. S. 1979. *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo*. São Paulo: Summus.

PERLS, F. S.; HEFFERLINE, R.; & GOODMAN, P. 1997. *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.

PIMENTEL, A. 2005. *Nutrição Psicológica*, São Paulo: Summus

PIMENTEL, A. (2010) Psicoterapia Breve Aplicada À Violência Conjugal, In: *Psicologia: inovações / organizadores Jean Segata, Nivaldo Machado, Edi Cristina Manfroi e Everley Rosane Goestz*. – Rio do Sul: UNIDAVI-PROPPEX, 2010.

PIMENTEL, A. 2011. *Violência Psicológica Conjugal: pesquisa e Intervenção*. SP: Summus

PIMENTEL, A. Análise do Discurso: uma ferramenta metodológica para análise da violência psicológica. 2011. In: *Coletânea entre Educação e Filosofia: conhecimento, linguagem e pensamento*. Abreu, Waldir Ferreira de, Damião Bezerra. Belém, GEPEIF.

PIMENTEL, A., OLIVEIRA, I. & ARAÚJO, L. S. 2009. Pesquisa qualitativa: aplicações em terapia ocupacional e psicologia. In: *Pesquisas qualitativas em terapia ocupacional*. Adelma Pimentel, Ingrid Oliveira e Lucivaldo Araújo, (orgs). Belém, Amazônia editora.

RICOEUR, Paul. 1975. *Interpretação e Ideologia*. RJ: Francisco Alves.

SENNETT, Richard. 2004. *A Corrosão do caráter: conseqüências pessoais no trabalho no novo capitalismo*. RJ: Record.

SILVA, P.; BOTELHO-GOMES, P. & GOELLNER, S. V. 2008. Educação Física no sistema educativo português: Um espaço de reafirmação da

masculinidade hegemônica *Rev. bras. Educ. Fís. Esp.*, São Paulo, v.22, n.3, p.219-33, jul./set.

SILVA, Oswaldo Piedade Da. *Violência lingüística*. Disponível em <http://periodicos.uniso.br/index.php/quaestio/article/view/29/29>; Acedido em. 15/09/2009

TRAVERSO-YEPEZ, Martha A.; PINHEIRO, Verônica de Souza. Socialização de gênero e adolescência. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 13, n. 1, abr. 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2005000100010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000100010&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 13 fev. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2005000100010>.

VILLA Sánchez, Aurélio, ESCRIBANO, Elena Auzmendi. 1999. *Medição do Autoconecito*. Bauru, SP: EDUSC. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Autoestima>, acedido em abril de 2010.

---

Recebido em: 31/01/2012

Aceito em: 16/10/2012

---